

A COR DO SUBÚRBIO EM CLARA DOS ANJOS

uma leitura da obra de Lima Barreto



A cor do subúrbio em Clara dos Anjos:
uma leitura da obra de Lima Barreto

Márcio Moraes

A cor do subúrbio em Clara dos Anjos:
uma leitura da obra de Lima Barreto

1.^a Edição

Montes Claros
Márcio Adriano Silva Moraes
2014

Copyright © 2014
Todos os direitos reservados a
Márcio Adriano Silva Moraes

Todos os direitos reservados e protegidos pela lei nº 5.988 de 14/12/1973.
É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sem
autorização prévia, por escrito do autor.

Contato e pedidos pelo site:
www.marcioadrianomoraes.com

M827a

Moraes, Márcio.

A cor do subúrbio em Clara dos Anjos: uma
leitura da obra de Lima Barreto. - Montes Claros:
Márcio Adriano Silva Moraes, 2014.

80p.

ISBN 978-85-914114-4-3

1. Literatura brasileira. 2. Ensaaios. I. Título.

CDD - B869.4

Revisão Textual: Olden Hugo

Foto de capa: Casebres no morro de Santo Antonio, Rio de Janeiro, 1914.
Fotografia de Augusto Malta. In: KOK, Glória. *Rio de Janeiro na época da
Av. Central*. São Paulo: Bei Comunicação, 2005. Disponível em:
<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/historia/0031.html>. Acesso
18 maio 2014.

Este ensaio, *A cor do subúrbio em Clara dos Anjos*, faz parte dos estudos das
obras indicadas para o Processo Seletivo da Universidade Estadual de
Montes Claros 1/2014 e 2/2014, publicados no livro *A cor negra da canção
dos Anjos*, edição de 2013, do mesmo autor.

*Alguns as desposavam [as índias]; outros,
quase todos, abusavam da inocência delas,
como ainda hoje das mestiças, reduzindo-as
por igual a concubinas e escravas
(João Ribeiro)*

Sumário

1	O autor.....	7
2	Contexto histórico-literário	8
3	Características literárias	15
4	Enredo de <i>Clara dos Anjos</i>.....	19
5	A cor do subúrbio em Clara dos Anjos	32
5.1	Narrador, Linguagem e Tempo.....	33
5.2	O Subúrbio	38
5.3	O malandro.....	43
5.4	Os preconceitos.....	50
5.5	A Literatura e a Música	60
6	Considerações finais	68
7	Referências.....	70
8	Questões propostas	74

1 O autor

Lima Barreto nasceu no Rio de Janeiro, em 1881. Filho de pais mulatos e de condição humilde, pôde, contudo, ter uma educação de qualidade, à custa de muito esforço do pai – a mãe morrerá quando Lima era ainda criança. Estudou no Colégio Pedro II e chegou a cursar Engenharia, mas teve de abandonar os estudos em virtude do adoecimento de seu pai, acometido por problemas mentais.

O enlouquecimento do pai marcaria o autor pelo resto da vida, por conta da dúvida de não vir ele a ser, também, vítima da loucura. Ironicamente, foi duas vezes internado num hospício, devido ao abuso de álcool.

Foi funcionário público e atuou como jornalista, colaborando com uma série de revistas e jornais, ocupações que lhe garantiam uma vida modesta. De inclinações socialistas e anarquistas, Lima Barreto manteve ao longo da vida uma postura agressiva em relação à sociedade, aspecto que transparece em sua obra na representação não só das elites e dos políticos, mas também da classe média.

Sua obra, em especial *Clara dos Anjos*, é também uma aberta denúncia ao preconceito racial, do qual era também vítima, num período em que o racismo permanecia arraigado nos costumes, não obstante a recente abolição da escravidão.

Lima Barreto foi uma figura excêntrica e provocadora. Trajava-se andrajosamente, muitas vezes com roupas sujas, com o claro fito de chocar e de se diferenciar dos membros das classes que tanto criticava.

Assolado por contínuas crises de depressão e pelo alcoolismo, Lima Barreto viria a falecer com 41 anos, em 1922.¹

Bibliografia resumida: *Recordações do escrivão Isaías Caminha* (1909); *Triste fim de Policarpo Quaresma* (1915); *Numa e a ninfa* (1915); *Os bruzundangas* (1923); *Clara dos Anjos* (1948).

¹ Dados biográficos extraídos, na íntegra, de BARRETO, 2011, p. 8.

2 Contexto histórico-literário

O início do século XX no Brasil é marcado não só por uma transição secular, na qual a sociedade passa por uma transformação, mas também por uma transição artística.

Com a República recém-instaurada, os contrastes da sociedade se acentuam: a abolição da escravatura libertou o negro, mas não o tirou de sua condição de marginalizado; a imigração estrangeira para suprir a mão de obra escrava amplia a camada suburbana; o proletariado emergente é sufocado pelo conservadorismo da classe detentora do poder e do capital.

Eclodem em várias partes do Brasil revoltas e movimentos sociais, tais como o Fanatismo Religioso no Nordeste na figura de Padre Cícero (1911), bem como o Fenômeno do Cangaço de Lampião (1916); no sul, destaque para a Guerra do Contestado (1912); no sudeste, a Revolta da Vacina Obrigatória (1904), as Greves Operárias (1917) e a Revolta da Chibata (1910).

Na esfera literária, as visões realistas e naturalistas do meio e do homem continuam acentuadas. A linguagem, aos poucos, vai se aproximando do falar cotidiano. Um olhar mais amplo, carregado de influências de Vanguardas Europeias, tais como o Expressionismo, Cubismo, Dadaísmo, Surrealismo e Futurismo, é captado por escritores e artistas brasileiros que se preparavam para a renovação modernista que terá a sua expressividade em 1922 com a Semana de Arte Moderna.

Esse período literário, portanto, é caracterizado pelo seu sincretismo, um entrelaçar de tendências artísticas, nomeado Pré-Modernismo. Está mais para uma alcunha que um nome propriamente dito, já que a literatura produzida nas duas primeiras décadas do século XX seria uma ponte, uma fase de transição entre a herança do final do século XIX e o movimento modernista alavancado, principalmente, por Oswald e Mário de Andrade.

A prosa, especificamente desse período, apesar de se espelhar em Machado de Assis e Aluísio Azevedo, difere-se na abordagem

temática. Enquanto esses escritores buscavam retratar em seus romances de análise e tese o homem, numa perspectiva universal, em seus conflitos, condições e anseios; os pré-modernistas focavam seu olhar no homem brasileiro em seu dia a dia, externando, explicitamente, o seu caráter social.

Euclides da Cunha, em sua obra *Os Sertões*, considerada a primeira da fase pré-modernista, publicada em 1902, apresenta um panorama histórico, sociológico e literário da Guerra de Canudos (1897/98), destacando o homem humilde e injustiçado, a quem chamou de “sub-raças sertanejas do Brasil”. Os imigrantes alemães foram tema de Graça Aranha em seu *Canaã*. O suburbano, vítima de um Brasil marcado por reformas estruturais no centro da capital brasílica, estará presente nas crônicas de João do Rio e também nos romances de Lima Barreto. Monteiro Lobato nos legou uma escrita regionalista, em que retrata os costumes interioranos do caboclo do Vale do Paraíba, vivendo na precariedade, com seus medos e causos.

Observa-se, dessa forma, que a prosa produzida nesse período preocupa-se com os problemas sociais, tendo uma nítida ligação com o momento histórico. O Brasil é revelado verdadeiramente nas páginas dos livros; não o Brasil burguês, da elite, mas o Brasil dos marginalizados: do sertanejo, do caipira, do suburbano, do imigrante. O Regionalismo, idealizado pelos escritores românticos do século XIX, é retratado com um viés mais distanciado, objetivo e crítico.

A imprensa contribuiu significativamente para a literatura desse período. O texto jornalístico era fonte de inspiração e pesquisa para os autores. Também era o principal meio de veiculação de ideias. A maioria dos escritores desse momento escrevia em jornais, entre eles, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Euclides da Cunha. A circulação rápida da notícia interessava à população, a qual necessitava de informações acerca do país em que vivia. A imprensa e a literatura caminhavam juntas. Assim, os livros tornavam-se mais que objetos de entretenimento, tornavam-se canais de críticas, opiniões e formações.

A obra de Lima Barreto, portanto, está centrada no retrato do suburbano carioca. Fruto de um capitalismo efervescente no início do

século XX. Um momento de muita tensão, adaptações e exclusões sociais.

Lima Barreto assume uma literatura de crítica social, bem semelhante ao seu também contemporâneo João do Rio. Ambos procuraram abordar, em suas obras, o marginalizado do subúrbio carioca. Lima Barreto, por ser também negro e, conseqüentemente, ter sentido na pele o preconceito racial, abordou o racismo em sua produção, sobretudo em *Clara dos Anjos*.

As transformações urbanísticas pelas quais passou o Rio de Janeiro no início do século XX são substanciais para se entender a produção de Lima Barreto.

Com o fim da Guerra Franco-Prussiana (1871), até o início da Primeira Guerra Mundial (1914), a Europa passava por um período de ebulição cultural, marcado por avanços tecnológicos (telefone, fotografia, cinema, automóvel, avião) que proporcionaram conforto à sociedade abastada. É o momento máximo de cafés, balés, teatros, livrarias. O mundo vivenciava a chamada *Belle Époque*, período de luxos, prazeres e lutas sociais. A ciência, a técnica, as invenções deram maior dinamismo e efervescência à vida moderna. Com isso, a economia cresce, logicamente, com acúmulo de capitais, dando às classes dominantes uma vida de riquezas, com grande euforia e confiança em seus investimentos. O conforto e a segurança faziam parte da vida da classe burguesa média. Na Europa, sobretudo em Paris e Viena, a arte fervilhava, atraindo artistas de várias partes, convidando-os não só ao universo cultural, mas também àquele tipo de vida noturna, dos bares e cabarés. Antônio Azevedo assim define a *Belle Époque*

Adquira o livro completo!

Apenas R\$15,00 (frete incluso no valor)

Acesse: <http://www.marcioadrianomoraes.com/livros.php#3393>